

A PERCEPÇÃO DE VARIANTES LINGUÍSTICAS NO CONTATO DIALETAL: O CASO DE FORTALEZA-CE

THE PERCEPTION OF LINGUISTIC VARIANTS IN DIALECTAL CONTACT: THE CASE OF FORTALEZA-CE*

Maylle Freitas¹

RESUMO: Este estudo analisa a percepção da realização variável de /t, d/ diante de /i/ na comunidade de fala de Fortaleza-CE em contexto de contato dialetal incentivado pela migração intraestadual, opondo a categoricidade da palatalização na capital com a predominância de oclusivas no interior e sul do estado, com ênfase na região do Cariri. Fundamenta-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), na significação social da variação (ECKERT, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2010) e em estudos sobre contato dialetal e atitudes linguísticas (TRUDGILL, 1981; GARRET, 2010). Nesse contexto, aplicou-se um teste baseado na técnica *Matched-Guise* (LAMBERT *et al.*, 1960; OUSHIRO, 2015) com falantes residentes em Fortaleza, nativos da capital ou migrantes. Foram realizadas análises de frequência e proporção e regressão ordinal com efeitos mistos no *software* R (R CORE TEAM, 2024). Os resultados indicam que as variantes oclusivas [t] e [d] diante de /i/ são salientes na comunidade fortalezense e estão associadas a um maior grau de *nordestinidade*, *sotaque* e prosódia “cantada” em contraste com a variante palatalizada, sendo a percepção desse fenômeno influenciada tanto por fatores sociais internos à comunidade quanto pelas experiências de migração.

PALAVRAS-CHAVE: percepção linguística. contato dialetal. *Matched-Guise*.

ABSTRACT: This study analyzes the perception of the variable realization of /t, d/ before /i/ in the speech community of Fortaleza-CE in a context of dialectal contact encouraged by intrastate migration, contrasting the categorical palatalization in the capital with the predominance of stops in the interior and southern regions of the state, with emphasis on the Cariri region. The study is grounded in the Theory of Linguistic Variation and Change (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), the social meaning of variation (ECKERT, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2010), and research on dialectal contact and linguistic attitudes (TRUDGILL, 1981; GARRET, 2010). In this context, an adaptation of the matched guise test was applied (LAMBERT *et al.*, 1960; OUSHIRO, 2015) with speakers residing in Fortaleza, either native to the capital or migrants. Frequency and proportion analyses and ordinal regression with mixed effects were conducted using R software (R CORE TEAM, 2024). Results indicate that the stop variants [t] and [d] before /i/ are salient in the Fortaleza community and are associated with a higher degree of northeastern identity, accent, and “sing-song” prosody compared to the palatalized variant, with the perception of this phenomenon influenced both by social factors within the community and by migration experiences.

KEYWORDS: linguistic perception. dialectal contact. *Matched-Guise*.

1 Introdução

Uma maneira diferente de falar é suscetível a crenças pré-existentes e compartilhadas, bem como a diversas reações sociais e atitudes em relação à ela (cf. ECKERT, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2010, GARRET, 2010; OUSHIRO, 2015; FREITAS, 2024, entre outros). No caso da realização variável de /t/ e /d/ diante de /i/, em palavras como *tia* e *dia*, têm-se um caso particularmente interessante no estado do Ceará, onde predominam as variantes

* Data de Submissão: 04.09.2025 – Data de Aceite: 09.01.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2025v20n2.76126

¹ Doutorado em Linguística – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Contato: m176553@dac.unicamp.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9151-217X>

palatalizadas [tʃ] e [dʒ] na capital Fortaleza, em contraste com regiões do interior e mais ao sul, como o Cariri, onde as formas oclusivas [t] e [d] são majoritárias (Bessa, 2010a, 2010b; Saraiva, 2019). A distinção entre Fortaleza e o interior cearense fornece um terreno fértil para investigar a percepção de variantes no contexto de contato dialetal, entendido aqui como o contato entre dois dialetos inteligíveis de uma mesma língua (Trudgill, 1981), pois a migração do interior para a capital e o deslocamento cotidiano para turismo, comércio e serviços, por exemplo, tornam propício o contato entre falantes que têm predominância das formas oclusivas ou palatais em suas falas.

Este estudo investiga a percepção sobre a realização variável das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/ na comunidade de Fortaleza, a partir dos pressupostos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1972 [2008], 2011), com foco no problema da avaliação, que busca identificar correlatos subjetivos às formas variantes. O estudo também se alinha à “terceira onda” da sociolinguística, ao destacar o significado social da variação (Eckert, 2012) e ao investigar como a comunidade percebe e se relaciona com as variantes linguísticas (Oushiro, 2015). Para tanto, destacam-se três dimensões avaliadas de modo escalar, os níveis de: nordestinidade, sotaque e “falar cantado” atribuídos a cada uma das variantes, tendo em vista como variáveis intrínsecas à comunidade, como região de origem, gênero, idade e escolaridade, bem como variáveis exclusivas dos migrantes, como tempo desde a migração, motivo da migração e proporção da vida como migrante, afetam a percepção sobre essas dimensões.

Dessa forma, o artigo visa contribuir para os estudos de percepção linguística em geral e, de modo particular, para pesquisas que abordam o contato entre dialetos, buscando compreender como as percepções variam e são influenciadas por condicionamentos sociais que, além de categorias sociais clássicas aos estudos variacionistas, envolvem também o deslocamento de pessoas, suas trajetórias migratórias e o contato entre diferentes padrões perceptuais.

2 Crenças e atitudes linguísticas: bases conceituais

As crenças e atitudes linguísticas podem ser compreendidas como parte integrante da competência linguística, uma vez que influenciam tanto a expressão quanto a compreensão da linguagem (GARRETT, 2010), as crenças se originam nos processos de socialização e funcionam como representações cognitivas sobre o mundo social, servindo para organizar a realidade e embasar atitudes perante objetos, estes que podem ser linguísticos. Compreende-se que as atitudes se estruturam em três dimensões principais: cognitiva, afetiva e comportamental. O aspecto cognitivo corresponde às crenças e significados sociais compartilhados; o afetivo diz respeito a sentimentos de aprovação ou desaprovação em relação a determinados objetos sociais; e o comportamental refere-se à predisposição para agir em consonância com esses julgamentos (GARRETT, 2010; BOTASSINI, 2015). Adiciona-se que o agir pode ser em relação ao próprio uso linguístico do falante, quando a sua interação com outras pessoas.

O estudo pioneiro de atitudes linguísticas foi realizado no âmbito da psicologia social por Lambert *et al.* (1960). Para avaliar atitudes em relação ao bilinguismo no Canadá, especificamente na província de Quebec, Lambert *et al.* (1960) desenvolveram o método *Matched-Guise*. Nesse procedimento, um mesmo bilíngue lia um texto em francês e em inglês, sendo controlado de forma que a única diferença entre os estímulos fosse a língua utilizada. Assim, os ouvintes francófonos e anglófonos acreditavam avaliar falantes distintos, quando na realidade estavam julgando a mesma pessoa falando em diferentes línguas. Os participantes avaliaram as gravações em escalas de atitude, contendo atributos como inteligência, simpatia, liderança *etc.* Os resultados da pesquisa evidenciaram que tais julgamentos refletiam

estereótipos associados às línguas, demonstrando que as atitudes linguísticas se ancoram em percepções sociais mais amplas, neste caso, demarcando o *status* da língua inglesa em detrimento da língua francesa na comunidade.

O método *Matched-Guise* tem sido considerado, desde Labov (2008 [1972]), uma ferramenta útil para a análise de variantes sociolinguísticas, sendo amplamente aplicado em estudos de crenças e atitudes linguísticas no âmbito da pesquisa variacionista (Sene, 2022). Seu foco principal é a investigação das atitudes linguísticas em relação às variantes de uma língua, buscando identificar os correlatos subjetivos das formas em variação e alinhando-se ao que propõe o problema da avaliação sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Nesse contexto, as atitudes linguísticas assumem papel central na configuração e intensificação dos processos de variação, diversidade e mudança linguística, influenciando tanto as práticas internas das comunidades de fala quanto os fenômenos decorrentes de processos migratórios (SILVA; GOMES, 2020).

2.1 Crenças e atitudes linguísticas: estudos de referência

No que se refere a estudos de percepção relacionados a crenças e atitudes sobre o fenômeno variável da palatalização, de /t/ e /d/ diante de /i/, destaca-se aqui alguns trabalhos conduzidos no Nordeste. No agreste alagoano, Vitória (2020) investigou a percepção regional, buscando compreender se a variação estava acima do nível de consciência da comunidade, a crença relativa ao próprio uso (autoavaliação) e as percepções sobre variação diatópica, escolarização e preconceito linguístico. A autora aplicou questionários de atitudes linguísticas a estudantes da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca. Os resultados indicam que a palatalização regressiva não é percebida como comum na comunidade nem no repertório dos próprios informantes. Ainda assim, a forma é associada a um uso escolarizado, correto, bonito e prestigioso e vinculado ao falar do Sudeste.

Considerando acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe, nativos do interior e da capital do estado, Freitag e Santos (2016) realizaram um teste buscando desvelar avaliações acerca da realização variável de /t, d/ diante de /i/ em uma série de dimensões. Em relação à estética, a variante africada tende a ser avaliada como mais agradável e bonita, enquanto a oclusiva aparece associada a julgamentos menos positivos. Nas características dialetais, a africada é mais relacionada à fala cantada, ao passo que a oclusiva é percebida como não cantada e relativamente mais rápida. Do ponto de vista estilístico, a africada é considerada mais clara, contrastando com a oclusiva, vista como menos transparente. Já nas características geográficas, ambas as variantes são associadas ao falar da capital, embora a africada seja vinculada tanto ao falar baiano quanto sergipano, enquanto a oclusiva se associa mais fortemente ao falar sergipano. De modo geral, a africada carrega maior prestígio social, mas a oclusiva não chega a ser alvo de forte estigmatização.

Também em Sergipe, Ribeiro e Corrêa (2018) realizaram um teste baseado no método *Matched-Guise*, aplicado a 58 falantes de São Cristóvão, Lagarto e da capital Aracaju. Os resultados mostraram que a variante palatalizada foi associada a falantes mais escolarizados, formais e pertencentes à capital, sendo considerada uma variedade prestigiada. Para as oclusivas, as avaliações revelaram neutralidade, sem evidências de estigmatização. Em João Pessoa, Amorim (2017) e Hora, Henrique e Amorim (2018) investigaram a saliência social da variante oclusiva e sua relação com a identidade do falante pessoense. Os resultados indicam que os ouvintes locais tendem a se identificar com as formas oclusivas, essas percebidas como traços característicos do dialeto pessoense. Verificou-se também que a distinção entre oclusiva e africada aumenta conforme a idade dos participantes e que, de modo geral, as mulheres se mostraram mais sensíveis a essa diferenciação.

Em Fortaleza, Autor (2024) analisou as crenças e atitudes linguísticas sobre a palatalização das oclusivas alveolares por meio de uma adaptação da técnica de *Matched-Guise*. A pesquisa mostrou que a variante oclusiva, embora fortemente estigmatizada e alvo de preconceito linguístico, também foi frequentemente avaliada como “bonita”, revelando uma tensão entre prestígio e solidariedade na atribuição de valores sociais às variantes. Os resultados apontam que migrantes do Cariri, em especial, sofrem pressões avaliativas para acomodar-se à variedade fortalezense.

Em conjunto, esses estudos, embora com metodologias e recortes distintos, apontam que os falantes do Nordeste têm consciência do fenômeno variável e atribuem valores sociais a ele. A forma palatal é sistematicamente associada a prestígio, correção e formalidade, vinculada a grandes centros urbanos, enquanto a variante oclusiva dental tende a ser associada a características de menor prestígio social.

3 Métodos e amostra

O questionário de crenças e atitudes elaborado nesta pesquisa, aprovado em termos éticos sob CAEE: 68403223.0.0000.505, teve como objetivo captar significados sociais atrelados à variação linguística. Para isso, utilizou-se uma adaptação metodológica inspirada em Oushiro (2015, 2019) e em nas recomendações do manual *Research Methods in Language Attitudes* (KIRCHER; ZIPP, 2022). A proposta aproxima-se da técnica de *Matched-Guise*, sem, contudo, atender ao pressuposto de trechos idênticos da técnica original. Por esse motivo, denomina-se aqui *Pseudo Matched-Guise*, em que dois falantes emularam as variantes oclusiva e palatal em trechos equivalentes em temática e presença de outras variantes linguísticas, mas não necessariamente idênticos.

Os estímulos foram gravados no Laboratório de Fonética e Multilinguismo da Universidade Federal do Ceará (LabFom-UFC), em cabine acústica com microfone dinâmico unidirecional Shure SM48, em formato .wav e taxa de amostragem de 44.1 kHz. Foram selecionados dois voluntários, um homem e uma mulher, estudantes de Letras, residentes em Fortaleza e com histórico de residência no Cariri. Os trechos tinham em média 20 segundos, abordavam opiniões genéricas de cunho político e continham cerca de doze realizações oclusivas ou palatais. Para assegurar a consistência, realizou-se análise acústica e manipulação de estímulos no Praat (BOERSMA; WEENINK, 2023), de modo a garantir que cada estímulo contivesse apenas a variante pretendida.

O teste foi veiculado via *amigos de amigos* pelas plataformas *Jotform* e *QualtricsXM*. A amostra contou com 255 respondentes, sendo a maioria naturais de Fortaleza (62,35%) e do Cariri (16,86%), seguidos por outros municípios do Ceará (12,16%) e de outros estados (8,63%). Quanto ao perfil social, houve predominância de mulheres (63,92%), jovens até 29 anos (50,98%) e participantes com ensino superior ou pós-graduação (82,75%). Para a população migrante (N = 96), foram considerados ainda o motivo da migração — estudo (38,54%), família (22,92%), outros (21,88%) e trabalho (16,67) —, o tempo de migração — até 10 anos (46,88%), entre 11 e 30 anos (33,33%) e mais de 30 anos (19,79%) —, bem como a proporção da vida como migrante, em que cerca de 40% dos indivíduos já viveram mais da metade de suas vidas em Fortaleza. Entre os migrantes do Cariri (N = 42), observou-se uma distribuição mais detalhada: 45,24% viveram na capital por menos de 1/3 da vida, 32,56% entre 1/3 e 2/3 e 20,93% mais de 2/3.

A análise quantitativa foi realizada no software R (R CORE TEAM, 2023), por meio de regressões ordinais de efeitos mistos (função *clmm()* do pacote *ordinal*), considerando a interação entre estímulos e perfis sociais, além da variável aleatória “participante”. Como referência para os modelos de regressão, adotaram-se os grupos: gênero feminino, naturalidade

Fortaleza, escolaridade ensino superior, proporção da vida como migrante inferior a 1/3 e motivo de migração “outros”. Os resultados são apresentados na escala de *logodds* e foram convertidos para probabilidade (em %) por meio da função *ilogit* em vias de facilitar a interpretação dos dados.

4 Análise e discussão

Os resultados apresentados nesta seção dizem respeito às avaliações realizadas pelos participantes após a exposição aos estímulos de fala. As percepções foram investigadas em três dimensões específicas: identificação geográfica, estilística e prosódica, operacionalizadas por meio das afirmações (1) *essa pessoa tem sotaque*, (2) *essa pessoa é nordestina* e (3) *essa pessoa fala de modo cantado*. As respostas foram registradas em escala Likert de cinco pontos, variando de *discordo totalmente* a *concordo totalmente*. A seguir, apresentam-se a análise e a discussão referentes a cada uma dessas dimensões.

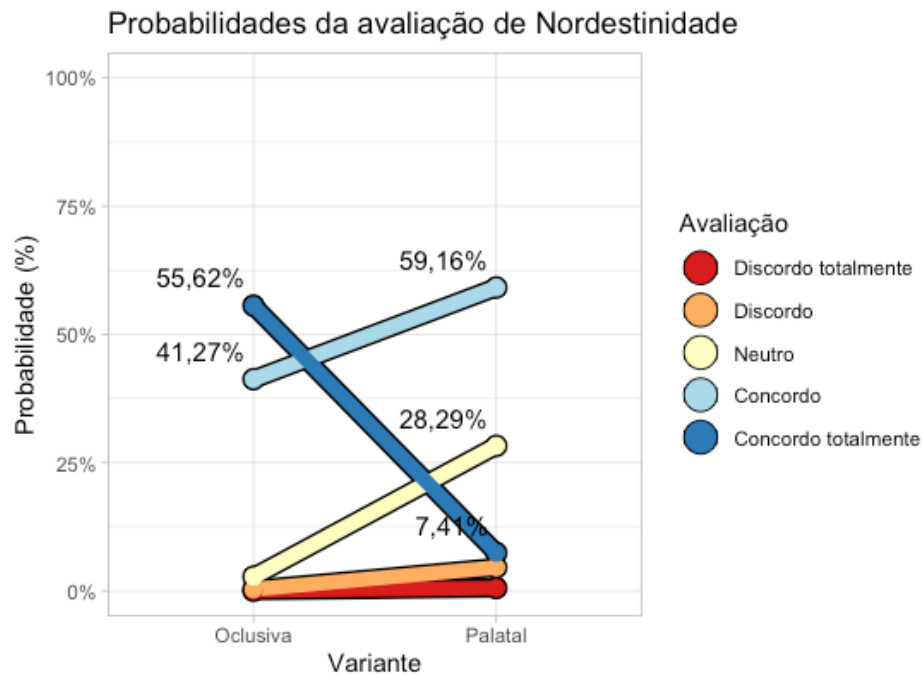
Tabela 1 — Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de nordestinidade das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)

Coefficientes	Logodds	E.P.	Valor-Z	Valor-p
Variante [Oclusiva]	1,929	0,501	3,848	<0,01*
Gênero [masculino] * Variante oclusiva	1,691	0,847	1,997	0,05*
Idade * Variante oclusiva	0,026	0,014	1,836	0,07
Idade * Gênero [masculino] * Variante oclusiva	-0,055	0,025	-2,220	0,03*
Escolaridade [Ensino Médio] * Variante oclusiva	0,496	0,366	1,356	0,18
Naturalidade [Ceará] * Variedade oclusiva	-0,167	0,446	-0,375	0,71
Naturalidade [Cariri] * Variedade oclusiva	0,082	0,405	0,203	0,84
Naturalidade [outros estados] * Variedade oclusiva	-0,663	0,521	-1,273	0,20
<i>Coefficientes threshold</i>				
Discordo totalmente Discordo	-5,524	0,704	-7,843	<0,01*
Discordo Neutro	-3,272	0,637	-5,136	<0,01*
Neutro Concordo	-1,046	0,620	-1,687	0,09
Concordo Concordo totalmente	2,168	0,629	3,449	<0,01*
<i>Efeitos aleatórios</i>				
Variância	2,90			
Desvio padrão	1,70			
N INFORMANTE	249			
Observações	996			

Fonte: autoria própria.

Os efeitos aleatórios do modelo para *nordestinidade* (Tabela 1) apontaram uma variância moderada, sugerindo que as respostas dos informantes apresentaram uma dispersão consistente em torno da média. Os coeficientes *threshold* indicaram que a maior parte dos falantes tinha maior probabilidade de posicionar seus julgamentos nos níveis superiores da escala, favorecendo as avaliações “concordo” e “concordo totalmente”. A diferença entre as variantes mostrou-se estatisticamente significativa ($p < 0,01$), sendo a forma oclusiva associada de modo mais robusto ao atributo “nordestinidade”. Em termos probabilísticos, a variante oclusiva alcançou cerca de 87% de chance de ser avaliada nos níveis mais altos da escala, reforçando sua saliência como marca identitária da fala nordestina.

Gráfico 1 — Probabilidades da avaliação de *nordestinidade* das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)



Fonte: autoria própria.

O gráfico de probabilidades evidencia que a associação das variantes à nordestinidade se distribui de maneira distinta ao longo da escala de Likert. As avaliações de discordância permaneceram residuais em ambas as variantes, com menos de 5% das respostas. O padrão mais relevante emerge na comparação entre os níveis intermediários e superiores da escala: a variante palatal concentrou-se nas respostas neutras (28,29%) e de concordância parcial (59,16%), sugerindo uma percepção menos marcada e mais negociada de sua relação com a identidade nordestina. Já a variante oclusiva, embora também presente no nível de concordância, destacou-se fortemente no nível de concordância total (55,62%), contrastando com apenas 7,41% da palatal nesse mesmo nível. Esse resultado reforça que, ainda que ambas possam ser associadas ao falar nordestino, a palatal tende a ocupar um espaço avaliativo intermediário, enquanto a oclusiva emerge com uma forte associação a nordestinidade.

No tocante às variáveis sociais, nota-se que o gênero do participante e a interação entre idade e gênero mostraram-se significativas. Para os homens, verificou-se que a probabilidade de associar a forma oclusiva à nordestinidade diminui progressivamente à medida que a idade aumenta. Os resultados do modelo indicam que um jovem de 20 anos do sexo masculino apresenta cerca de 74,4% de chance de concordar totalmente que a forma oclusiva é característica de um falante nordestino, enquanto essa probabilidade cai para apenas 4,5% entre homens de 70 anos. Essa tendência pode estar relacionada à mobilidade social e às redes de contato. Os homens mais velhos de Fortaleza, historicamente, tiveram maior inserção em espaços públicos e profissionais que implicavam circulação inter-regional, como transporte, construção civil e comércio, o que lhes proporcionava contato frequente com falas de diferentes origens e variedades do português brasileiro. Já as mulheres cearenses, sobretudo até meados das décadas de 1970 e 1980, tiveram menor mobilidade social e geográfica, muitas vezes restritas a ocupações domésticas ou a funções tradicionalmente femininas e de pouca circulação, como professoras do Ensino Básico, costureiras e artesãs (OLIVEIRA, 2007).

Assim, enquanto os homens dessa geração construíram redes de contato mais amplas, as mulheres permaneceram em redes mais locais. O contato linguístico mais diversificado pode ter levado os homens a naturalizar a variante oclusiva, reduzindo sua saliência como marcador exclusivo da fala nordestina e aproximando-a perceptivamente da palatal, variante de prestígio em Fortaleza. Esse resultado dialoga indiretamente com os trabalhos de Bortoni-Ricardo (1985) e Milroy (1980): ainda que voltados para a difusão do uso e não para sua avaliação, mostram que redes sociais abertas tendem a favorecer a propagação de formas prestigiadas, enquanto redes densas e fechadas conservam variantes locais. A lógica perceptiva parece ecoar esse princípio: homens mais velhos, inseridos em redes amplas, relativizam a oposição entre oclusiva e palatal, ao passo que os mais jovens mantêm a oclusiva fortemente indexada à identidade regional.

No que diz respeito ao grupo de migrantes do Cariri em Fortaleza, optou-se por uma análise específica devido à oposição linguístico-social dessa região em relação à capital, conforme discutido anteriormente. A Tabela 2 apresenta os resultados da regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação da nordestinidade para o grupo de migrantes do Cariri cearense residentes em Fortaleza. Nesta regressão, a variância observada nas respostas foi moderada, e a variante oclusiva se destacou com probabilidade de 99,37% de ser avaliada nos níveis mais altos da escala (concordo | concordo totalmente).

Tabela 2 — Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de nordestinidade das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)

Coefficientes	Logodds	E.P.	Valor-Z	Valor-p
Variante [Oclusiva]	5,056	1,124	4,500	<0,01*
Tempo de migração em anos * Variante oclusiva	0,012	0,041	0,284	0,78
Proporção da vida como migrante [entre 1/3 e 2/3] * Variante oclusiva	2,098	1,181	-1,776	0,08
Proporção da vida como migrante [mais de 2/3] * Variante oclusiva	-1,473	1,716	-0,859	0,39
Motivo da migração [Trabalho] * Variante oclusiva	-2,703	1,283	-2,107	0,04*
Motivo da migração [Estudo] * Variante oclusiva	-2,359	1,176	-2,005	0,04*
Motivo da migração [Família] * Variante oclusiva	0,220	1,346	0,164	0,87
<i>Coefficientes threshold</i>				
Discordo totalmente Discordo	-3,738	0,704	-7,843	<0,01*
Discordo Neutro	-0,651	0,637	-5,136	<0,01*
Neutro Concordo	1,804	0,620	-1,687	0,09
Concordo Concordo totalmente	5,022	0,629	3,449	<0,01*
<i>Efeitos aleatórios</i>				
Variância	1,19			
Desvio padrão	1,09			
N INFORMANTE	42			
Observações	168			

Fonte: autoria própria.

O tempo de migração e a proporção da vida como migrante influenciaram a avaliação da variante oclusiva entre os participantes do Cariri, indicando que a permanência na capital não altera significativamente a percepção de nordestinidade da variante. O único fator relevante foi o motivo da migração: aqueles que se deslocaram para estudar ou trabalhar apresentaram menores chances de avaliar a oclusiva como traço tipicamente nordestino em comparação com os que migraram por razões familiares ou outros motivos (mistos, saúde, qualidade de vida *etc.*).

Esse resultado sugere um recorte atitudinal, já que os primeiros migraram por iniciativa própria e com objetivos acadêmicos ou profissionais, enquanto os demais foram movidos por pressões externas. Nesses casos, a oclusiva tende a ser mais naturalizada, gerando avaliações menos assertivas em relação à identidade regional. Resultado semelhante foi descrito por Alves (1979) no estudo de nordestinos em São Paulo, em que participantes de “nível sócio-econômico-cultural alto” (sic.) manifestaram atitudes menos rígidas em relação à sua variedade de origem. Além disso, deve-se lembrar que as variantes oclusivas de /t/ e /d/ diante de /i/ não são exclusivas do Nordeste: são característica do falar caipira em São Paulo, sobretudo entre homens mais velhos, ainda que com a manutenção do [e] átono em átonas finais, como em *dente* e também ocorre em regiões do Sul e Centro-Oeste; já as palatais predominam em capitais nordestinas como Teresina, São Luís e Salvador (Cardoso *et al.*, 2014). Assim, a percepção menos categórica dos migrantes pode refletir tanto o contato com outras variedades do português brasileiro quanto trajetórias sociais específicas que modulam a avaliação da variante.

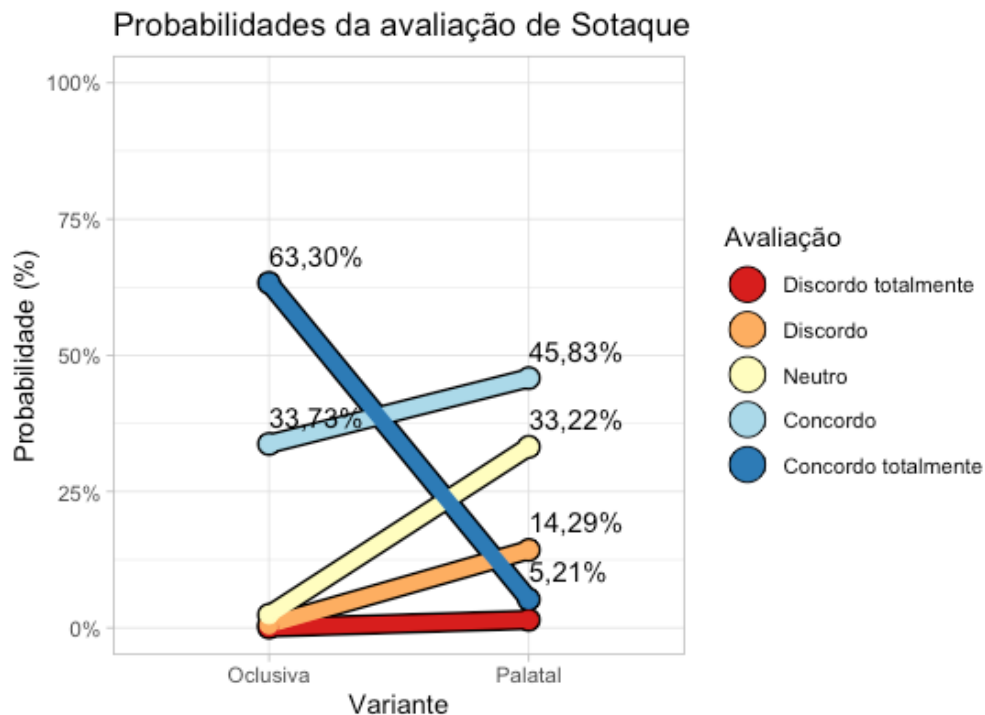
Tabela 3 — Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)

Coefficientes	Logodds	E.P.	Valor-Z	Valor-p
Variante [Oclusiva]	4,224	0,465	9,083	<0,01*
Gênero [masculino] * Variante oclusiva	-0,577	0,292	-1,973	0,05*
Idade * Variante oclusiva	-0,015	0,011	-1,364	0,17
Escolaridade [Ensino Médio] * Variante oclusiva	0,702	0,362	1,939	>0,05
Naturalidade [Ceará] * Variedade oclusiva	-0,078	0,433	-0,179	0,86
Naturalidade [Cariri] * Variedade oclusiva	-0,902	0,406	-2,222	0,03*
Naturalidade [outros estados] * Variedade oclusiva	-0,436	0,535	-0,814	0,42
<i>Coefficientes threshold</i>				
Discordo totalmente Discordo	-4,939	0,624	-7,920	<0,01*
Discordo Neutro	-2,403	0,585	-4,108	<0,01*
Neutro Concordo	-0,767	0,578	-1,328	0,18
Concordo Concordo totalmente	2,176	0,584	3,727	<0,01*
<i>Efeitos aleatórios</i>				
Variância	2,47			
Desvio padrão	1,57			
N INFORMANTE	249			
Observações	996			

Fonte: autoria própria.

Para regressão ordinal da escala de avaliação de sotaque, os efeitos aleatórios da indicaram variância de 2,47 e desvio padrão de 1,57, caracterizando uma dispersão moderada dos dados. Os coeficientes *threshold* mostraram chances positivas concentradas no nível mais alto da escala (concordo|concordo totalmente), desfavoráveis aos demais. Para a variante oclusiva, o modelo estimou *logodds* positivos, equivalentes a 98,56% de probabilidade de ser avaliada nos níveis mais altos da escala. A análise das probabilidades por nível da escala Likert (Gráfico 2) mostrou que a concordância total favoreceu fortemente a oclusiva (63,6% contra 5,2% da palatal), enquanto os níveis neutro e de discordância foram mais associados à palatal. Assim, o único nível claramente indicativo de favorecimento foi o de concordância total em direção a atribuição de sotaque a variante oclusiva.

Gráfico 2 — Probabilidades da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)



Fonte: autoria própria.

Entre as variáveis sociais, apenas gênero e naturalidade mostraram efeito significativo na avaliação do sotaque. Os resultados apontam que os homens tendem a atribuir menos a forma oclusiva à noção de sotaque em comparação às mulheres. Esse comportamento pode ser interpretado à luz do paradoxo de gênero (LABOV, 2001), segundo o qual as mulheres costumam se aproximar mais das variantes prescritas e legitimadas socialmente, enquanto os homens apresentam maior tolerância a usos não normativos. Nesse contexto, a tendência feminina a atribuir à palatal menos sotaque, e consequente mais sotaque a variante oclusiva, pode ser explicada pelo fato de essa variante ser institucionalizada em espaços formais e midiáticos, como o chamado “sotaque neutro” presente no jornalismo e em materiais didáticos (DACOREGIO, 2021). Considerando a naturalidade, os participantes oriundos do Cariri cearense demonstraram menor inclinação a classificar a oclusiva como sotaque, com efeito de interação negativo ($-0,902$ *logodds*), correspondendo a 28,86% de chance de associar a forma à ideia de sotaque. Isso indica que, para esses falantes, a oclusiva não funciona como marca de diferenciação social ou regional, mas como um traço ordinário, próprio de seu repertório linguístico.

Tabela 4 — Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)

Coefficientes	Logodds	E.P.	Valor-Z	Valor-p
Variante [Oclusiva]	2,168	1,044	2,076	0,04*
Tempo de migração em anos * Variante oclusiva	-0,085	0,043	-1,967	0,05*
Prop. da vida como migrante [entre 1/3 e 2/3] * Variante oclusiva	-0,330	1,119	-0,295	0,77
Proporção da vida como migrante [mais de 2/3] * Variante oclusiva	2,403	1,833	1,311	0,19
Motivo da migração [Trabalho] * Variante oclusiva	-0,184	1,267	-0,146	0,88

Motivo da migração [Estudo] * Variante oclusiva	0,765	1,107	0,691	0,49
Motivo da migração [Família] * Variante oclusiva	3,541	1,364	2,596	0,01 **
<i>Coefficientes threshold</i>				
Discordo totalmente Discordo	-4,423	0,624	-5,302	<0,01*
Discordo Neutro	-2,640	0,585	0,223	0,04*
Neutro Concordo	-1,191	0,578	5,529	0,43
Concordo Concordo totalmente	1,026	0,584	7,382	0,18
<i>Efeitos aleatórios</i>				
Variância	1,67			
Desvio padrão	1,29			
N INFORMANTE	42			
Observações	168			

Fonte: autoria própria.

A regressão da escala de sotaque voltada aos migrantes também apresentou variância moderada na avaliação de sotaque, com a oclusiva estimada em 89,73% de probabilidade de aparecer nos níveis mais altos de concordância, resultado que acompanha a tendência da amostra geral. Entre as variáveis sociais, destacou-se o motivo da migração: aqueles que se mudaram por razões familiares tiveram efeito expressivo (3,541 logodds), equivalente a 97,18% de chance de considerar sua própria variante como sotaque. Interpreta-se que, ao contrário dos migrantes que escolheram estudar ou trabalhar na capital, os que se deslocaram por decisão de outrem enfrentam maiores desafios de adaptação e, por isso, reconhecem com mais frequência sua fala como diferente da comunidade de destino. Essa tendência novamente remete aos achados de Alves (1979), segundo os quais migrantes de “menor nível sócio-econômico-cultural” (sic.) tendem a prestigiar a variedade da comunidade de destino, acomodando-se linguística e socialmente. O tempo de migração em anos e a naturalidade do Cariri, por sua vez, não apresentaram efeito estatisticamente significativo. Ainda assim, é importante considerar que a palatalização das oclusivas é descrita como um fenômeno em expansão no português brasileiro (Abaurre; Pagotto, 2002). Nesse quadro, migrantes mais recentes se deparam com um cenário linguístico distinto de uma mudança completa da capital em direção às variantes palatais, o que pode intensificar a percepção de sua própria fala como marcada e, conseqüentemente, favorecer a avaliação da oclusiva como “sotaque”.

O modelo de regressão para a avaliação do *falar cantado* apresentou uma dispersão mais ampla que as análises anteriores (desvio padrão de 2,41), indicando maior variabilidade entre os participantes. Diferente dos resultados de *nordestinidade* e *sotaque*, em que apenas o nível de *concordo totalmente* concentrou chances positivas, aqui os coeficientes se distribuíram também em outros níveis da escala Likert. Ainda assim, a variante oclusiva mostrou maior tendência a ser associada ao “falar cantado”, com cerca de 60% de probabilidade de receber avaliações nos níveis mais altos da escala, em contraste com a variante palatal.

Tabela 5 — Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de “falar cantado” das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza em interação com fatores sociais (N= 249)

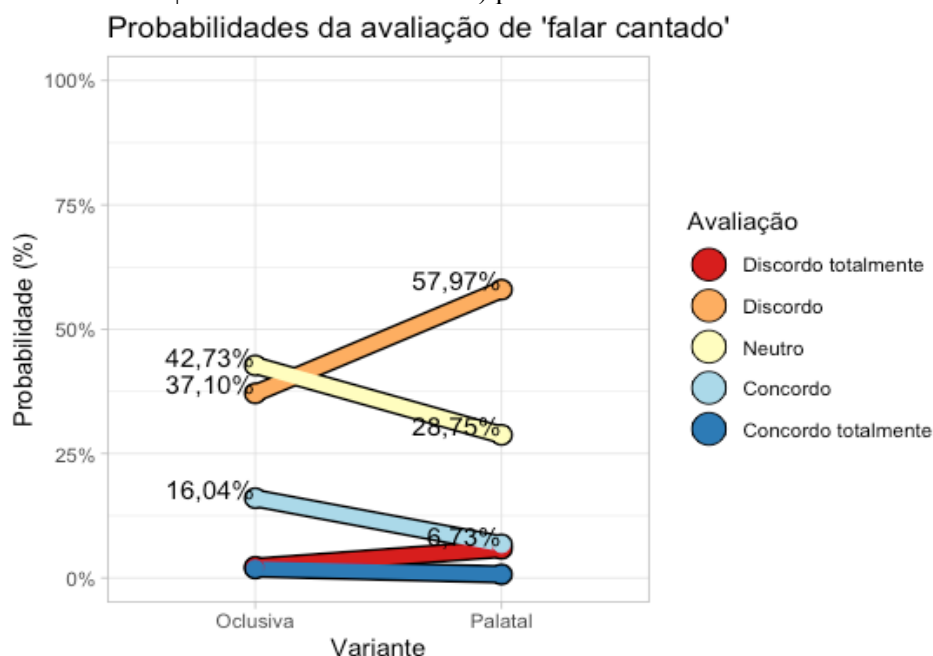
Coefficientes	Logodds	E.P.	Valor-Z	Valor-p
Variante [Oclusiva]	0,408	0,004	101,723	<0,01*
Gênero [masculino] * Variante oclusiva	-0,391	0,004	-97,390	<0,01*
Idade * Variante oclusiva	0,020	0,003	7,454	<0,01*
Escolaridade [Ensino Médio] * Variante oclusiva	0,852	0,337	2,529	0,01 **
Naturalidade [Ceará] * Variedade oclusiva	-0,342	0,362	-0,946	0,34
Naturalidade [Cariri] * Variedade oclusiva	-0,230	0,354	-0,649	0,52

Naturalidade [outros estados] * Variedade oclusiva	0,262	0,465	0,564	0,57
<i>Coefficientes threshold</i>				
Discordo totalmente Discordo	-3,338	0,624	-16,630	<0,01*
Discordo Neutro	0,018	0,585	0,118	0,91
Neutro Concordo	2,009	0,578	482,658	<0,01*
Concordo Concordo totalmente	4,456	0,584	1054,220	<0,01*
<i>Efeitos aleatórios</i>				
Variância	5,82			
Desvio padrão	2,41			
N INFORMANTE	249			
Observações	996			

Fonte: autoria própria.

Ao separar os níveis de *concordância* e *concordância total*, o modelo estimou uma probabilidade discreta de 16,04% de os participantes associarem a forma oclusiva ao “falar cantado”, valor que cai para 6,73% no caso da forma palatal. Já os níveis extremos de *discordância total* e *concordância total* concentram probabilidades bastante baixas para ambas as variantes, próximas de zero (entre 0,7% e 5%). Observa-se ainda que a forma palatal apresenta maior chance de receber avaliações no nível *discordo*, enquanto sua probabilidade de avaliação neutra também supera a da forma oclusiva. Esse é, inclusive, o único ponto da escala em que a palatal ultrapassa o valor de referência de 50%, o que indica que, para essa variante, prevalece a avaliação de que ela não é fortemente associada ao “falar cantado”.

Gráfico 3 — Probabilidades da avaliação de sotaque das variantes de /t, d/ diante de /i/ em escala Likert (1 – Discordo totalmente | 5 – Concordo totalmente) por falantes residentes em Fortaleza-CE (N=249)



Fonte: autoria própria.

Os resultados significativos para a avaliação do “falar cantado” envolveram as variáveis escolaridade, idade e gênero. A escolaridade mostrou-se um fator relevante: participantes com Ensino Médio apresentaram maior probabilidade (cerca de 70%) de atribuir a característica “cantada” à oclusiva, resultado que pode ser relacionado à tradição oral nordestina, marcada

pela poesia popular, pelos violeiros e pela literatura de cordel, práticas fortemente enraizadas no Cariri e difundidas no restante do estado. Já os falantes com Ensino Superior tendem a alinhar-se mais às variantes de prestígio e às normas escritas, reforçando a distinção entre usos populares e usos cultos (FARACO; ZILLES, 2017).

A idade também exerceu influência: tanto jovens quanto idosos associaram a oclusiva ao “falar cantado”, mas em diferentes graus. Enquanto um participante de 20 anos ainda apresenta cerca de 12% de chance de discordar dessa associação, para um idoso de 70 anos essa probabilidade cai para apenas 5%, o que sugere que, ao longo da vida, tende-se a consolidar a percepção da oclusiva como característica prosódica marcante. Por fim, o gênero também se destacou. Os homens foram menos propensos a atribuir a avaliação, com apenas 40% de concordância, ao passo que as mulheres reforçaram a associação em maior proporção. No caso analisado, os homens tendem a relativizar o “falar cantado”, possivelmente por associarem essa marca prosódica a um traço estigmatizado do interior, enquanto para as mulheres esse aspecto foi mais enfatizado. Curiosamente, na avaliação da nordestinidade, os homens apresentaram resultados positivos, sugerindo que a marca não é rejeitada como identidade regional, mas menos salientada como estilo prosódico específico.

Para a regressão específica dos migrantes do Cariri na escala de sotaque, observou-se uma dispersão mais comedida dos dados em comparação à amostra geral, com desvio-padrão de 1,06 nos efeitos aleatórios. A diferença entre as variantes foi estatisticamente significativa e favorável à oclusiva, que apresentou 59,87% de probabilidade (0,442 *logodds*) de ser avaliada como “falar cantado”.

Tabela 6 — Regressão logística ordinal com efeitos mistos da avaliação de “falar cantado” das variantes de /t, d/ diante de /i/ por falantes residentes em Fortaleza naturais do Cariri cearense em interação com fatores sociais (N= 42)

Coefficientes	Logodds	E.P.	Valor-Z	Valor-p
Variante [Oclusiva]	0,442	0,002	222,141	<0,01*
Tempo de migração em anos * Variante oclusiva	-0,024	0,002	-12,591	<0,01*
Proporção da vida como migrante [entre 1/3 e 2/3] * Variante oclusiva	-0,054	0,571	-0,094	0,92
Proporção da vida como migrante [mais de 2/3] * Variante oclusiva	0,702	0,002	352,585	<0,01*
Motivo da migração [Trabalho] * Variante oclusiva	-0,688	0,712	-0,966	0,33
Motivo da migração [Estudo] * Variante oclusiva	0,275	0,002	138,278	<0,01*
Motivo da migração [Família] * Variante oclusiva	0,816	0,698	1,168	0,24
<i>Coefficientes threshold</i>				
Discordo totalmente Discordo	-0,176	0,247	-0,710	0,48
Discordo Neutro	1,922	0,002	1018,014	<0,01*
Neutro Concordo	3,437	0,002	1820,402	<0,01*
Concordo Concordo totalmente	5,148	0,327	15,763	<0,01*
<i>Efeitos aleatórios</i>				
Variância	1,13			
Desvio padrão	1,06			
N INFORMANTE	42			
Observações	168			

Fonte: autoria própria.

O tempo de migração em anos revelou coeficiente negativo (-0,024 *logodds*), sugerindo que, quanto maior o tempo cronológico de residência em Fortaleza, menor a tendência de concordar com a atribuição da característica “cantada” à variante oclusiva, resultado que

contrasta com o observado na análise geral. Por outro lado, quando se considera a proporção da vida como migrante, aqueles que viveram mais de dois terços de suas vidas na capital apresentaram efeito positivo (0,702 *logodds*), indicando maior probabilidade de associação da oclusiva a essa avaliação. Esses resultados permitem distinguir duas formas de mensurar o tempo: o cronológico absoluto, referente aos anos desde a migração, e o relativo à trajetória individual, expresso pela proporção da vida vivida em Fortaleza. O tempo em anos apresentou efeito negativo, sugerindo que os migrantes mais antigos tendem a associar menos a oclusiva ao “falar cantado”, possivelmente porque essa característica tinha menor visibilidade social no período de sua chegada. Já a proporção de vida superior a dois terços na capital indicou efeito positivo, apontando que os migrantes mais integrados à comunidade fortalezense incorporam com maior frequência a avaliação de que a oclusiva corresponde ao falar cantado, em consonância com discursos correntes sobre a fala do interior.

5 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar a percepção da realização variável de /t, d/ diante de /i/ na comunidade de fala de Fortaleza, em contexto de contato dialetal marcado pela oposição entre a palatalização categórica da capital e a predominância das oclusivas em regiões do interior, especialmente o Cariri. Para tanto, utilizou-se uma adaptação da técnica de *Matched-Guise*, com estímulos gravados e avaliados em escalas de nordestinidade, sotaque e “falar cantado”, considerando variáveis sociais como gênero, idade, escolaridade, naturalidade e, no caso dos migrantes, tempo de residência, proporção da vida em Fortaleza e motivo da migração. O uso de modelos de regressão ordinal com efeitos mistos permitiu observar tanto tendências gerais da comunidade quanto padrões específicos de subgrupos e realizar inferências à comunidade.

Os resultados mostraram que a variante oclusiva foi consistentemente associada a níveis mais altos de nordestinidade, a maior reconhecimento como sotaque e a uma prosódia “cantada”. Entretanto, essas percepções não foram homogêneas: entre os nativos da capital, a interação entre idade e gênero revelou diferenças importantes, com homens jovens atribuindo forte associação entre oclusiva e identidade nordestina, e homens mais velhos relativizando essa avaliação. Para o sotaque, as mulheres atribuem menos sotaque a variante palatal, em consonância com variantes de prestígio socialmente legitimadas, enquanto migrantes do Cariri tenderam a naturalizar a oclusiva como norma local. Entre os migrantes, ainda, destacou-se o peso do motivo da migração: deslocamentos por estudo e trabalho reduziram a percepção da oclusiva como tipicamente nordestina, enquanto mudanças por razões familiares aumentaram a probabilidade de reconhecê-la como sotaque. No que se refere ao “falar cantado”, escolaridade, idade e gênero foram variáveis decisivas: falantes com Ensino Médio, participantes mais velhos e mulheres apresentaram maior propensão a associar essa característica à oclusiva, em contraste com os perfis de maior escolaridade e os homens.

Em grandes centros urbanos devemos considerar o contato dialetal como parte integrante do dia-a-dia dos falantes e que, conjuntamente a padrões de produção linguística, há padrões de variação na percepção da variação linguística. As crenças e atitudes linguísticas são sensíveis à variação e fortemente condicionadas por variáveis sociais e pelas experiências dos falantes. No caso dos migrantes, essas atitudes podem se traduzir em pressões avaliativas, sobretudo quando a comunidade de destino estigmatiza determinados usos, levando-os a ajustar sua fala como forma de acomodação. Desse modo, a percepção linguística se constitui em um espaço privilegiado para compreender como os falantes atribuem valor às variantes e como tais avaliações sustentam processos de diferenciação social em comunidades urbanas.

Referências

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: Abaurre, Maria Bernadette Marques; Rodrigues, Ângela Cecília de Souza (orgs.). **Gramática do Português Falado - Volume VIII: novos estudos descritivos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. v. 8, p. 557-601.
- ALVES, M. I. P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia**. 1979. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/56163>. Acesso em: 4 set. 2025.
- AMORIM, A. **A percepção da palatalização das oclusivas dentais por ouvintes pessoenses**. 2017. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3301>. Acesso em: 4 set. 2025.
- BESSA, J. R. F. (coord.). **Atlas Linguístico do Ceará: V.I Introdução**. Fortaleza: Edições UFC, 2010a.
- BESSA, J. R. F. (coord.). **Atlas Linguístico do Ceará: V.II – Cartogramas**. Fortaleza: Edições UFC, 2010b.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers: A sociolinguistic study in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 135-156, 2010. DOI: [10.1017/S0954394509000052](https://doi.org/10.1017/S0954394509000052).
- CARDOSO, S. A. M. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1**. Londrina: Eduel, 2014.
- DACOREGIO, C. S. **As práticas e técnicas de suavização de sotaque no português brasileiro como tentativa de homogeneizar o uso da língua**. 2021. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4994>. Acesso em: 04 set. 2025.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/IndexicalField.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, [s.l.], v. 41, p. 87-100, 2012. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. (orgs.). **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- FREITAG, R. M. K.; SANTOS, A. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: Lopes, Norma da Silva; Araújo, Silvana Silva de Farias; FREITAG, R. M. K. (orgs.). **A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São PAULO, B., 2016. p. 109-122. Disponível em: https://www.blucher.com.br/a-fala-nordestina_9788580392173. Acesso em: 04 set. 2025.
- FREITAS, M. **"E você é de onde?": crenças e atitudes linguísticas acerca da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/ em Fortaleza-CE**. 2024. 194 f. Dissertação

(Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/78636>. Acesso em: 04 set. 2025.

GARRETT, P.. **Attitudes to Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511844713>.

HORA, D.; HENRIQUE, P.; AMORIM, A. Produção e percepção: o processo de palatalização em jogo. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 280-296, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/18269>. Acesso em: 4 set. 2025.

KIRCHER, R.; ZIPP, L. (orgs.). **Research Methods in Language Attitudes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781108867788>.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors** (v. II). Oxford: Wiley Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Cognitive and cultural factors** (v. III). Oxford: Wiley Blackwell, 2011.

LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; Gardner, Robert; Fillenbaum, Stanley. Evaluational reactions to spoken languages. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, [s.l.], v. 60, p. 44-51, 1960. DOI: [10.1037/h0044430](https://doi.org/10.1037/h0044430).

MILROY, L. **Language and Social Networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 390 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-07072015-104652/pt-br.php>. Acesso em: 4 set. 2025.

RIBEIRO, C.; CORRÊA, T. Avaliação social da palatalização de /t, d/ em Sergipe. **A cor das letras**, Feira de Santana, v. 19, n. esp., p. 108-123, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2862>. Acesso em: 4 set. 2025.

SARAIVA, C. A. M. **Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri Cearense (ALICACE)**. 2019. 410 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/49262>. Acesso em: 4 set. 2025.

SENE, M. G. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/11005>. Acesso em: 04 set. 2025.

SILVA, M. R.; GOMES, A. A. A. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. **Cuadernos de la ALFAL**, [s.l.], n. 12, v. 1, p. 53-70, maio 2020. ISSN 2218-0761. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_1_5_silva_gomes_2020-05.pdf. Acesso em: 4 set. 2025.

TRUDGILL, P. **Dialect in Contact**. Oxford: Basil Blackwell, 1986 [1981].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].